

CRIE UMA JORNALISTA MULHER! ANÁLISE DOS PROJETOS DE ÂNCORA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA COM RECORTE SOBRE GÊNERO

Paulo Pessôa Neto[1]

RESUMO
A comoção contemporânea do mercado a respeito da utilização de programas de inteligência artificial generativa exige mais estudos na área para entender as potencialidades, problematizações e limitações deste avanço tecnológico. No campo do jornalismo, os debates acadêmicos concentram-se na utilização da inteligência artificial para geração automática de notícias. O trabalho procurou realizar um rastreamento dos projetos contemporâneos ao redor do mundo, apresentando âncoras de telejornal gerados artificialmente. A pesquisa realiza uma análise com recorte em gênero para identificar como uma jornalista é apresentada, como a máquina compreende uma mulher e quais estereótipos são reproduzidos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Automatizado; âncoras IA; inteligência artificial generativa; notícias sintéticas.

A apresentação da Inteligência Artificial Generativa (IAG) no final de 2022 e a possibilidade de utilização em colaboração aberta (Manovich, 2004, p. 253), onde a plataforma de IAG e seus usuários contribuem simultaneamente para o aumento do banco de treinamento e possível melhora na remixagem dos produtos sintéticos, foi o marco para a recente Corrida do Ouro da IA. Imediatamente, vários projetos de utilização desta tecnologia no jornalismo começaram a surgir ou aprimorar experimentações que já estavam sendo postas em prática.

Porém, há de se problematizar alguns aspectos para esse jornalismo realizado com material sintético gerado pela IAG. Os projetos analisados para essa pesquisa, conseguem fazer uma ampla pesquisa de acervo sobre um tema pedido no comando (*prompt*), através dos algoritmos, filtrar quais os pontos estão sendo mais compartilhados para um público em geral, remixar o conteúdo que se teve contato em seu banco de treinamento e, assim, entregar, não somente um notícia em texto, mas também uma imagem, um vídeo, apresentar um jornalista graficamente gerado pela Inteligência Artificial (IAS) para realizar a leitura e apresentação da notícia sintética,

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa de Mídias Digitais da UEPG (GEMIDI). E-mail: paulo.pterceiro@gmail.com

além de áudio gerado sinteticamente à partir de um banco sonoro, podendo ser em múltiplas línguas (Manovich, 2004, p. 254 – 255).

Mas quais problemas poderíamos ter neste processo? Como indica Simon (2022), a IA não possui habilidades ou capacidades humanas, apenas as simula. Quando se trata da IAG, ocorre um remix do material já disponibilizado em seu banco de treinamento para geração de um material jornalístico. Portanto, a linguagem apresentada, disponibilidade das fontes, checagem, lide, tudo que poderá compor a notícia remixada, trará uma linguagem que emula sinteticamente a produção jornalística. Este produto é nomeado neste trabalho como notícia sintética, já que depende de um processo de sampleamento para remixar o material adquirido em um produto jornalístico.

Além da necessidade do processo de *Machine Learning* (ML) para tentar replicar a instrumentalização do profissional jornalista, a IAG também pode ser manipulada ou enganada pelos algoritmos e documentos que estão em seu banco de treinamento, reproduzindo mesinformações, preconceitos, estereótipos e prejuízos. Somando-se a capacidade automatizada de geração de notícias, esse conteúdo publicado e compartilhado em larga escala. Essas notícias sintéticas acabam, por simularem o trabalho humano, reproduzindo também questões de gênero, que serão o alvo da discussão deste resumo expandido.

Esta pesquisa analisa projetos somente com jornalistas IAG atuando na produção de notícias sintéticas e apresentação através de telejornal ou vídeos publicados em redes sociais. O recorte se atenta para projetos neste formato, pois podem melhor exemplificar os vários tipos de produção sintética em um mesmo produto jornalístico. Para construção do *corpus* do trabalho, foi feita vasta pesquisa bibliográfica e busca em motores de busca, a fim de selecionar projetos que utilizam ou utilizaram jornalistas IAG na produção de notícias e sua transmissão.

De acordo com Sang-Wook (2021), o primeiro projeto que utilizou de IAG para automatizar a busca por notícias e gerar informes que eram transmitidos à população, foi um locutor IA da rádio japonesa FM Wakayama Broadcasting durante a passagem do tufão Jebi pelo Japão em 2018. Ainda naquele ano de 2018, como lembra Sang-Wook (2021), Yomiko foi a primeira IAG a ganhar um corpo graficamente construído para transmissão de notícias como comentarista do programa News Check 11 da rede de televisão estatal japonesa NHK.

Ao final de 2018, também surge o primeiro âncora IAG do mundo, transmitindo as notícias na Xinhua News, rede televisiva estatal na China. Ao contrário de sua colega, Yomiko, o âncora IAG não possuía um nome e seu modelo era construído graficamente baseando-se em Qiu Hao, âncora humano do veículo. Krishnan (2023) vai nomear esse tipo de jornalista IAG como "*avatar*", quando é baseado em um banco de treinamento contendo imagens e áudios de um âncora humano, para, através de um processo de *deepfake*, construir graficamente um modelo que consegue gerar gesticulação labial em conjunto com gesticulação corporal e reprodução sintética de fala.

No ano seguinte, em 2019, o mesmo veículo de TV apresentou a primeira âncora IAG do mundo, nomeada de Xin Xiaomeng, em homenagem por ser *avatar* da âncora humana de mesmo nome do canal Xinhua News. Num total, foram registrados 74 jornalistas IAG pela pesquisa bibliográfica no período entre março de 2023 e março de 2024.

Com o olhar voltado para a questão de gênero, a intenção é verificar se na construção gráfica desses âncoras IAG e em suas ações que simulam aspectos humanos, há manutenção de sensos comuns, legados de um patriarcalismo e misoginia dentro do jornalismo (Veiga e Moraes, 2019; Veloso, Albuquerque e Mesquita, 2019). Pode esses jornalistas robôs serem ou reproduzirem discursos machistas em sua concepção? Importante salientar que as identificações do autor desta pesquisa se baseiam na fundamentação teórica, reportagens sobre os âncoras IAG do *corpus*, auto apresentação desses jornalistas sintéticos e também no próprio recorte da construção social de gênero compreendida pelo autor desta pesquisa.

Analisando o *corpus*, observou-se que na construção gráfica dos âncoras IAG, 44,6% (33) são *avatares* (o modelo gráfico foi gerado a partir de um banco de imagens e vídeos de um âncora humano), 45,9% (34) têm o gráfico gerado sinteticamente, sendo *metahumanos* (através do processo de sampleamento de várias imagens de humanos e remixagem em um modelo gráfico utilizado pela IAG), 6,8% (5) possuíam modelos graficamente construídos por artistas e no caso específico de Zae-in, âncora IAG do canal de TV estatal sul-coreano, SBS, possuía geração em processo de *deepfake* ao vivo, onde a jornalista lia o jornal e tinha seu rosto substituído através do processo, além de um caso onde o registro não informa a apresentação gráfica do âncora IAG.

No que se refere a construção gráfica de seus corpos, 78,6% (44) dos âncoras IAG possuem corpos gráficos identificados como gênero feminino sintético. Para este

dado, importante, ressaltar, foi considerado uma binaridade dentro da ideia de construção social do gênero (Butler, 2019), já que maior aprofundamento sobre a identificação de gênero de cada âncora IA seria impossível em um primeiro movimento. A utilização de uma maioria de modelos *avatares*, pode ser questionado sobre a ótica de Simon (2022), que argumenta na tentativa de emulação para o mercado da IA. Portanto, uma figura humana ou humanoide apresentando as notícias, poderia atribuir mais credibilidade, menos estranheza e tentar alcançar laços afetuosos com o público. Isso pode ser observado na fala da jornalista IAG, Sana (2023), da TV AajTak da Índia: "*You are not just audience, but a friend too*" (Sana, 2023, 1 min; 6 s). Neste contexto, a credibilidade e figura carismática poderia estar mais ligada à construção do gênero feminino na apresentação de notícias?

Em relação as justificativas para se usar robôs no lugar de humanos apresentando os telejornais, houve o discurso de que âncoras IAGs com gráfico de gênero feminino sintético seriam mais atraentes (14 registros), defendido em sua maioria por mulheres e, inclusive, na produção de Zae-in na SBS, indicando que a figura graficamente gerada seria mais bonita do que a da jornalista humana que lia as notícias. Nota-se aqui uma objetificação da mulher, realizando uma seleção não pela qualidade profissional, mas sim pela beleza. No que se refere à competição entre humanos e estes robôs, os âncoras IAG não envelhecem e podem ser moldados aos padrões de beleza que mais agradarem seu público.

Presente de forma não evidente, esse discurso da beleza pelo não-envelhecimento encontra-se de forma atravessada nas justificativas de utilização dos âncoras IAGs por não morrerem ou envelhecerem (5 registros), além da reprodução da objetificação e controle da mulher pela narrativa de que o âncora IA não reclama e é possível controlar (6 registros). Quando esse dado é atravessado com o fato de mais da metade desses projetos identificados possuírem mulheres graficamente construídas, questiona-se se o controle e submissão é direcionado ao robô, ao gênero mulher ou equipara-se nesses discursos a serventia robótica à serventia da mulher?

Dentre os âncoras IAG observados, 70,3% (52) são do Sul Global, sendo a Índia o país que possui mais desses profissionais registrados no corpus, com 21 âncoras IAG. Esse dado foi importante para olhar de forma crítica para os dados, já que na construção gráfica, o autor desta pesquisa identificou traços de identidade racial asiático em pelo menos 51,8% (29) das âncoras IAG. No que se refere a raça, apenas 25% (14), foram

possíveis identificação como pretos, pardos e indígenas. Na construção gráfica também se notou que 67,9% (38) das âncoras IAG possuíam cabelo longo, além de estarem vestidas normalmente com saia, paletó e camisa. Pensando no processo de sampleamento e remixagem proposto por Manovich (2004), a imagem da construção da jornalista mulher de forma percentual seria de uma jornalista de cabelo longo, liso e preto, tom de pele branca, corpo classificado como magro, de origem asiática, vestindo uma saia, paletó e camisa para apresentar as notícias.

Julga-se importante trazer dois apontamentos observados no material coletado. Sana, da TV AajTak da Índia, chegou a virar notícia ao flertar com um ator de Bollywood, dizendo que “Vendo o seu charme, algo acontece no meu coração também.” (Sana, 2023). Considerando que as falas de Sana são programadas à partir de um banco de treinamento, há duas possibilidades. Houve inserção proposital da fala, normalizando alguns atos de assédio que ocorrem em entrevistas com celebridades, principalmente, da parte de homens, além de indicar uma orientação sexual heteronormativa para Sana, já que a fala não se repetiu com atrizes, ou foi noticiada. A segunda opção é um banco de treinamento com jornalistas flertando com entrevistados, colocando-se aqui a qualidade e a origem do material do banco de treinamento da IAG que construiu Sana em questionamento

Outro caso também importante de ser registrado é o da âncora IAG, Anjana 2.0, da TV Aaj Tak da Índia. O nome não se refere ao modelo da robô, mas sim ao fato de ser a avatar da âncora humana Anjana Om Kashyap. Não somente a imagem de Anjana pode ser moldada aqui para ser uma versão melhor de si mesma, já que os *avatares* âncora IAG podem ser, entre várias outras justificativas, mais atraentes, mas também colocasse justificativas inumanas para comparar os trabalhos dessa profissional humana e robô. Entre elas estão as justificativas de que os âncoras não se cansam (22 registros), podem ser personalizados (18 registros) e não morrem (5 registros).

O próximo movimento para com a análise do *corpus*, trará mais aprofundamento na análise qualitativa, além dos dados quantitativos apresentados. Outras questões como as empresas que controlam esses jornalistas robôs, os discursos que defendem, as justificativas pela defesa de seus trabalhos, questões raciais mais aprofundadas, guiará os próximos passos de tratamento desse banco de dados. Este olhar é necessário em um momento de adaptação de redações jornalísticas à ferramenta IA, para que o trabalho do Jornalismo possa continuar se pautando na ética e na boa

conduta, avançando junto com as tecnologias da comunicação, sem permanecer reproduzindo discursos preconceituosos, estereotipados e machistas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AAJTAK. Aaj Tak AI, 2023. ***About Aajtak AI*.** Disponível em: https://www.aajtak.in/aajtak-ai Acesso em: 06 out. 2023.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. [tradução Renato Aguiar] - 18. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

KRISHNAN, Nisha. *The original news anchor and AI avatar, Kerela made history. In*: DESK, News. ***Original news anchor vs AI avatar***. Instant, Channel I'M, 16/04/2023. Disponível em: https://en.channeliam.com/2023/04/16/original-news-anchor-vs-ai-avatar/ Acesso em: 04 out. 2023.

MANOVICH, Lev. Quem é o autor? Sampleamento/remixagem/código aberto. *In:* BRASIL, André; FALCI, Carlos Henrique; JESUS, Eduardo de; ALZAMORA, Geane. **Cultura em fluxo:** novas mediações em rede. – Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

SANG-WOOK, Al Byun. ***AI 앵커 현실화..."칼날이 아니라 칼자루가 결정".*** Comentário, Cultura, YTN, 15/04/2021. Disponível em: https://www.ytn.co.kr/_ln/0106_202104152022266914 Acesso em: 04 out. 2021.

SIMON, Felix (2022). Uneasy Bedfellows: AI in the News, Platform Companies and the Issue of Journalistic Autonomy. **Digital Journalism**, v. 10, n. 10, p. 1832 – 1854, 2022. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2022.2063150 Acesso em: 04 out. 2023.

VEIGA DA SILVA, Marcia.; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. XXVIII Encontro Anual da Compós. **Anais [...],** 2019. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br Acesso em: 12 jul. 2023.

VELOSO, Ana; ALBUQUERQUE, Rayanne; MESQUITA, Giovana. A reprodução da divisão sexual de trabalho nos grupos de mídia: breve análise da situação profissional das mulheres no jornalismo. **Revista Âncora**, ano 6, vol. 6, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/49577 Acesso em: 12 jul. 2023.